

ANÁLISE DAS CHARGES COLLOR E DILMA EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Claudia Maria CHIARION

Claudia Meire RODRIGUES

Universidade de Taubaté - SP

Resumo: Ingrediente da vida cotidiana, ilustrando jornais e revistas, a charge crítica, impressiona e provoca reflexão sem se desvincular do humor irônico. O objetivo deste artigo é analisar materialidade linguística e traços característicos da ironia. Para tanto, esta pesquisa embasa-se nos conceitos bakhtinianos, a partir dos trabalhos do Círculo de Bakhtin, as colocações de Romualdo (2000), quando trata sobre a construção composicional da charge, e a concepção de ironia por Brait (1996). Ainda, considera os conceitos que cerceiam os aspectos teóricos e metodológicos da linguagem verbo-visual e seus desdobramentos de sentido. As charges foram publicadas nas datas de 29 de agosto de 1992, 13 de março de 2015 e 29 de outubro de 2015, no jornal Folha de S. Paulo. A análise permitiu verificar que a natureza do gênero discursivo da charge favorece a presença da ironia – como estratégia de crítica a um alvo – e que, para ser interpretada, exige que o leitor utilize seus conhecimentos sobre fatos, contexto histórico e outros discursos, já que a leitura da ironia mobiliza diferentes vozes.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Charge. Ironia. Conceitos de Bakhtin.

ANALYSIS OF CHARGES AND COLLOR DILMA PROSPECTIVE DISCURSIVE

Abstract: Ingredient of everyday life, illustrating newspapers and magazines, the critical charge, impresses and provokes reflection without disentangle the wry humor. The aim of this paper is to analyze linguistic materiality and characteristic features of irony. Therefore, this research underpins us Bakhtinian concepts from the work of the Bakhtin Circle, the placement of Romualdo (2000), when deals with the compositional construction of the charge, and the concept of irony by Brait (1996). Still, consider the concepts that curtail the theoretical and methodological aspects of verbal-visual language and its development direction. The cartoons were published on the dates of August 29, 1992, March 13, 2015 and October 29, 2015 in the newspaper Folha de S. Paulo. The analysis has shown that the nature of discursive genre of charge favors the presence of irony - as a critical strategy to a target - and that to be interpreted, requires the player to use their knowledge of facts, historical context and other speeches, already the irony of reading mobilizes different voices.

Keywords: Discursive Gender. Charge. Irony. Bakhtin's concepts.

ANÁLISIS DE CARGAS Y PROSPECTIVA DISCURSIVO COLLOR DILMA

Resumen: Ingrediente de la vida cotidiana, periódicos y revistas que ilustran, la carga crítica, impresiona y provoca la reflexión y sin separar el humor irónico. El objetivo de este trabajo es analizar la materialidad lingüística y rasgos característicos de la ironía. Por lo tanto, esta investigación nos sustenta conceptos bakhtinianos a partir del trabajo del Círculo Bajtín, la colocación de Romualdo (2000), cuando se trata de la construcción de la composición de la carga, y el concepto de ironía por Brait (1996). Aún así, tenga en cuenta los conceptos que limitan los aspectos teóricos y metodológicos de lenguaje verbal-visual y su dirección de desarrollo. Las caricaturas fueron publicadas en la fecha de 29 de agosto, de 1992 13 de marzo, el año 2015 y 29 de octubre, 2015 en el diario Folha de S. Paulo. El análisis ha demostrado que la naturaleza del género discursivo de carga favorece la presencia de ironía - como una estrategia fundamental para un objetivo - y que al ser interpretado, requiere que el jugador utilice su conocimiento de los hechos, contexto histórico y otros discursos, ya la ironía de la lectura moviliza diferentes voces.

Palabras-claves: Género Discursivo. Cargos. Ironia. Conceptos de Bajtin.

INTRODUÇÃO

A motivação do trabalho está ligada ao interesse de verificar a presença da ironia no gênero discursivo charge. Ela tem como essência a ironia que multiplica suas faces e suas funções, configurando diversas estratégias de compreensão e de representação do mundo espacial, temporal, temático e valorativo, por possuir recortes ideológicos dentro do contexto social e histórico.

As charges¹ possibilitam infinitas interpretações e carregam em si visões formadoras do mundo ou conformadoras de opinião pública. Estreitamente relacionada à prática jornalística, a charge é um gênero discursivo que não está isento de influências sociais e históricas.

As charges publicadas geralmente dialogam com outros gêneros discursivos como, por exemplo, as notícias e artigos de opinião. O editorial da Folha S.Paulo², especificamente, tem os

¹ Segundo o entendimento de Romualdo (2000, p.5) a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.

² A **Folha** estabelece como premissa de sua linha editorial a busca por um jornalismo crítico, apertado e pluralista. Essas características, que norteiam o trabalho dos profissionais do Grupo Folha, foram detalhadas a partir de 1981 em diferentes projetos editoriais. Desde então, foram produzidos seis textos que procuram traduzir na prática os princípios que constituem, no seu conjunto, o Projeto Folha.

acontecimentos descritos sob a subjetividade do jornalista, de modo que a posição da mídia esteja em evidência, ou seja, o posicionamento atribuído ao veículo de comunicação, neste caso específico o Jornal Folha de S.Paulo.

Assim, as charges são tecidas com fios de um humor irreverente e vêm carregadas de ironia ao desvelar o cotidiano da sociedade nos contextos histórico, político, econômico, social. Nessa ótica, concebe-se nesta pesquisa a ironia como uma estratégia discursiva, com o objetivo de detalhar os mecanismos discursivos verbo-visuais. Foram analisadas três charges que representaram as reivindicações dos brasileiros durante as manifestações políticas, em épocas distintas, evidenciando o descontentamento e a insatisfação da população diante do cenário político.

Nos períodos de crise do governo Collor, em 1992, e do governo Dilma, em 2015, os noticiários transmitiram os fatos políticos e os escândalos de corrupção e também sobre a má gestão pública. O contexto das informações noticiadas mobilizou a sociedade a participar por meio de manifestações o seu descontentamento com a crise política.

O corpus do artigo são charges que foram publicadas no jornal Folha de S. Paulo, nas datas de 29 de agosto de 1992, 13 de março de 2015 e 29 de outubro de 2015. Os temas são: o pedido de impeachment do ex-presidente Collor e a crise política no governo Dilma. Assim, para compreender o contexto das charges o leitor deve remeter-se aos aspectos históricos e sociais desses universos políticos, elementos fundamentais para a compreensão dos elementos discursivos como dialogismo, polifonia, presentes nas charges publicadas no jornal Folha de S.Paulo.

O referencial teórico bakhtiniano contribuiu para a análise do corpus, a partir dos conceitos relacionados aos enunciados concretos e às relações dialógicas e a polifonia. Também foram utilizadas as concepções de Dondins (2007) e de Brait (1996-2005) sobre ironia.

Feita a análise do discurso presente nas charges, a linguagem verbo-visual possibilitou perceber que elas estão permeadas pela ironia, construídas a partir da subversão dos discursos políticos de Dilma e de Collor. Para que a ironia na charge seja compreendida, o leitor deve aderir à proposta do produtor, pois sem isso não há ironia.

BAKHTIN E SEU CÍRCULO

Este trabalho tem alicerce nos conceitos de Bakhtin e o Círculo que era composto por intelectuais que se reuniram regularmente de 1919 a 1929 na Rússia. Constituído por filósofos da linguagem - M. Bakhtin, Valentin N. Volochínov e Pavel N. Medvedev – com diferentes formações acadêmicas e interesses em diversas áreas, o resultado foi um grupo multidisciplinar que se dedicou ao estudo da linguagem.

Esses intelectuais formaram um grupo conhecido por Círculo de Bakhtin que refletiam a linguagem nos aspectos sociais, histórico e cultural. Assim sob essa perspectiva, o signo linguístico emerge de um processo de interação com o outro e em sociedade, por isso sua constituição enquanto signo ideológico está sujeito às condições sociais e ao contexto histórico/cultural. Por essa razão, não pode ser estudado como aspecto linguístico isolado como foram os estudos estruturalistas Saussurianos.

Para esses filósofos Bakhtinianos, a essência da linguagem se dá a partir dos usos que os indivíduos fazem de determinada língua no seu contexto social, essa interação possibilita a comunicação entre todos os falantes de uma mesma língua. A ação individual da língua só é particular porque se trata da ação que um sujeito pratica do uso da sua própria língua, contudo tal atividade também é plural haja vista a face social da própria subjetividade dos sujeitos que para Bakhtin/Volochínov ([1929], 2009, p. 133-141) a enunciação constitui-se dessas duas interfaces: o dado e o novo.

O dado engloba os elementos reiteráveis e idênticos, que Bakhtin denomina significação, o novo é a noção de tema que tem por base a expressão dinâmica e dialógica da enunciação. Assim, a significação é o conjunto de significações que os elementos linguísticos carregam, são os elementos abstratos alicerçados por meio de convenções.

Portanto, a significação é o “aparato técnico para a realização do tema” (p. 134), sempre dinâmico e complexo por estar atrelado às condições de sua produção. O tema é o sentido oriundo da enunciação concreta. Tema e significação complementam-se, um não existe sem o outro. Quanto a questão da unicidade do ser e do evento, há a necessidade de se compreender que na subjetividade está o ato único, singular, irrepetível.

Na concepção do Círculo de Bakhtin, a ciência deveria contemplar a unicidade do ser e do evento, não os separar. Motivados por isso, os membros deixaram, em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 71-92), uma crítica ao racionalismo, especialmente ao modo como compreendem a língua.

Sob essa nova perspectiva, a relação do eu e do outro perpassa a questão da unicidade do ser e do evento. Tal singularidade é, pois, sempre plural, e é dessas relações que advêm nossas particularidades, já que o sujeito se constitui sempre por meio das relações sociais e na interação, e é por meio da alteridade que nós nos reconhecemos como indivíduos.

Tal fenômeno linguístico ocorre porque o eu e o outro configuram diferentes universos axiológicos que oferecem novas perspectivas ao modo como cada indivíduo vê o mundo. A dimensão axiológica que compõe o ser humano configura um universo de diferentes valores em que os sujeitos estão circunscritos nas relações sociais.

Essas bases alicerçam a filosofia dialógica como uma forma de observar o mundo. Bakhtin e seu Círculo idealizam um sujeito concreto, real, e é na interação que nos constituímos, ou seja, a compreensão da linguagem é um processo dialógico que requer a permanente relação com o outro, esse elo só existe como um produto da atividade humana em sociedade.

Enquanto que as vertentes de inspiração saussuriana separavam a língua da linguagem e, portanto, de seu conteúdo ideológico para os filósofos:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 2003, p.123).

Cabe aqui lembrar que as reflexões apresentadas por Bakhtin e o Círculo não pretendia desacreditar os estudos linguísticos iniciados por Saussure, senão assinalar que havia outra “via de enfrentamento das questões da linguagem, que não se restringiria à formalização abstrata nem às especificidades dos talentos individuais” (BRAIT, 2005, p. 95-96).

Nesse novo paradigma, a linguagem permeia as várias situações de interação verbal e contrasta a noção de diálogo com a ideia de monólogo, nos quais os enunciados são proferidos por uma única pessoa ou entidade. A distinção de monólogo difere a partir do conceito de vozes.

O monólogo é um discurso que reconhece somente a si mesmo e seu objeto, não considerando a palavra do outro, enquanto que o diálogo leva em conta a palavra do (s) interlocutor (es) e as condições concretas de comunicação verbal.

Assim, os enunciados concretos (BAKHTIN, 2003) contém essa dualidade, pois o enunciativo ao se pronunciar dialoga com o outro que responde na materialidade de um gênero discursivo. Portanto, a polifonia se instaura nesse ambiente heterogêneo, através das diversas vozes que são constitutivas do sujeito comunicante, pois ele utiliza da cena enunciativa proposta por ele por meio das palavras.

Vale ressaltar que a polifonia não é sinônimo de dialogismo. Bakhtin desenvolve o conceito de polifonia em Problemas da Poética de Dostoiévski. Segundo o autor, umas das principais características desse romance é ser plurivocal, ou seja, as vozes das personagens apresentam uma independência excepcional na estrutura da obra. Como diz Bakhtin (1981), "é como se soassem ao lado da palavra do autor". Nas palavras de Faraco (2005),

o autor, em Bakhtin, iguala-se ao narrador em Adorno ou Benjamin, ou ainda a uma visão estrutural e/ou formal, genérica e ampla: Ele é entendido fundamentalmente como uma posição estético-formal cuja característica básica está em materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo: ele os olha com simpatia ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia, e assim por diante (FARACO, 2005 p. 38).

Depois da menção a uma axiologia, ou adoção de valores, pelo narrador, Paulo Bezerra delinea uma caracterização detalhada sobre polifonia:

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou

recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação à pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades (BEZERRA, 2005, p. 194).

A charge vem carregada de polifonia, pois se manifesta em certos tipos de textos que deixam entrever outras vozes, como por exemplo as notícias, artigos de opinião entre outros. No discurso da charge, é o “acionamento” dessa polifonia que permite ao enunciador escutar as diferentes vozes, sem disfarçá-las.

O dialogismo é travado entre os diversos discursos que circulam na sociedade, devendo, por isso, ser visualizado e reconhecido como elemento responsável pela instauração da natureza interdiscursiva da linguagem.

Pela compreensão do Círculo de Bakhtin, o dialogismo é uma qualidade ontológica do enunciado concreto: "o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez" (BAKHTIN, 2003, p.300).

E, justamente por não serem mais “virgens”, esses objetos nomeados (signos, no caso da citação) já foram, são e serão uma arena de confronto de acentos valorativos/orientações apreciativas/visões de mundo daqueles que os enunciaram, enunciam e os enunciarão concretamente.

A charge se apropria de outros discursos para se constituir e mantém um permanente diálogo com os diferentes fatos sociais que interagem com outros textos, por exemplo, no editorial, sintetizando de forma elucidativa a dupla função do dialogismo bakhtiniano. Para Brait (2005):

o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura e uma sociedade. É nesse sentido que se podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza discursiva da linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro, nos processos discursivos instaurados historicamente pelos

sujeitos, que por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 2005, p.94-95).

As relações dialógicas estão no centro da teoria Bakhtiniana: é no diálogo que surge o discurso, sempre guiado pela resposta ativa do interlocutor, participante ativo do processo de leitura da charge. Assim, o momento da enunciação da charge é irrepitível: o discurso, como um acontecimento no mundo, é proferido uma única vez em uma determinada situação de interação. O discurso é apenas citado, nunca repetido como, por exemplo, a charge do Collor produzida em 1992.

O enunciado é a materialização do discurso, ou seja, o discurso só existe de fato nas enunciações concretas, exemplo as charges. Em outras palavras, o enunciado é a unidade real e concreta da comunicação discursiva sobre o momento político. É sempre uma devolutiva a um enunciado anterior. O locutor mantém relação não só com o objeto da enunciação, como também com os enunciados dos outros. Para Bakhtin:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância de sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2003 p.274-5).

Desta forma, o enunciado concreto é a alternância de sujeitos dos discursos que estão presente na charge, é uma réplica dos outros discursos, do contexto histórico e social e constitui as vozes dos “Outros”, como exemplo, do jornal, do jornalista, dos políticos, da opinião pública e dos cidadãos. O uso da linguagem pressupõe tal condição, já que toda e qualquer comunicação é sempre situada, o que implica um contexto (situacional, cognitivo e social) e parceiros envolvidos no jogo da linguagem e da interação (BRAIT, 1996).

As charges trazem consigo a ironia como num jogo de sedução e persuasão, em que os sentidos por ela compostos são produzidos na interação e no contexto em que ela se instala.

Quanto à ironia vista à luz da enunciação, percebe-se que o ouvinte/leitor deve perceber a duplicidade enunciativa constitutiva dessa atividade como afirma Brait:

A ironia é produzida, como estratégia significativa, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada na perspectiva da enunciação. Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla decodificação, isto é, linguística e discursiva. Esse convite à participação ativa coloca o receptor na condição de co-produtor da significação, o que implica necessariamente sua instauração como interlocutor” (BRAIT, 1996, p.96).

Assim, o discurso produzido na charge deve ser compreendido como processo de produção de sentido, da significação como interação; nesse caso, a ironia pode ser pensada, posta em cena, dramatizada e tematizada nos aspectos discursivos dos enunciados e, especialmente, sobre o sujeito da enunciação no projeto gráfico da charge, além dos aspectos discursivos e gráficos dos enunciados. Tais combinações de elementos formam o sustentáculo sobre o fenômeno ironia visto sob a perspectiva discursiva.

Qualquer que seja a dimensão da ironia no enunciado ou na linguagem verbo-visual desencadeia-se um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com o objetivo de desmascarar ou subverter valores, processos que envolvem o leitor, ouvinte ou espectador.

Assim, as marcas que caracterizam o estudo da ironia em perspectiva discursiva é o discurso relatado e estilo direto, uma profusão de vozes, de sujeitos, alterando a aparente unicidade do discurso. É o princípio da alteridade, a marca do outro se materializando no enunciado.

A charge é uma linguagem verbo-visual composta por elementos com significados que, a primeira vista não são perceptíveis, pois, segundo Brait e Mello (2005, p.72), “o enunciado verbo-visual é aquele formado por imagens e sequências verbais estando inteiramente, articulados, interagentes a partir de um projeto gráfico de um projeto discursivo”.

Os projetos gráfico e discursivo provoca o leitor a refletir sobre a linguagem verbo-visual e desafiá-lo a questionar a cerca das mensagens visuais, a partir das formas, cores e

texturas, apontando, por meio de estratégias discursivas, a capacidade de descrever para conhecer a visualidade apresentada. Segundo Dondis (2007), os elementos visuais constituem:

(...) a substância básica daquilo que vemos e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Por poucos que sejam, são a matéria prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas (DONDIS, 2007, p.51).

O chargista se apropria da linguagem visual (desenhos, cores, traços, caricatura entre outros) e a charge se materializa em um enunciado concreto carregado de ideologia pela profusão de vozes formando um elo na cadeia discursiva respondendo ao contexto histórico, dialógico e ideológico.

O contexto social político sobre as manifestações foi tema para a escolha dos enunciados concretos. Foram escolhidas três charges publicadas na Folha de S. Paulo no editorial nas datas de 29 de agosto de 1992, 13 de março de 2015 e 29 de outubro de 2015. A manifestações dos brasileiros, ora pintando o rosto, ora batendo as panelas, foram formas de protesto popular, em repúdio à hipocrisia partidária. O movimento popular diante do cenário político promoveu um olhar mais crítico acerca dos acontecimentos divulgados pela mídia.

O critério de escolha foi pautado na crise política. A primeira (figura 1) foi a situação de denúncia do ex-presidente Collor de Mello, as outras duas charges (figura 2 e 3) repercutem os problemas que a atual presidente Dilma enfrenta a respeito da corrupção em alguns setores do seu governo, apesar do tema comum ser a “crise política” os enunciados são produzidos em épocas diferentes, cada charge é um evento único porque o momento histórico, juntamente com os leitores são outros.

ANÁLISE DAS CHARGES

As charges buscam revelar para o leitor, através do humor, o que está inserido nos bastidores políticos, refletindo a ideologia constitutiva do jornal para atingir o leitor presumido. Também é importante atentar aos detalhes de todas as informações visuais que compõem os

sentidos das charges. Segundo Dondis (2007) “os níveis de todos os estímulos visuais contribuem para o processo de concepção, criação e refinação de toda obra visual”.

Na figura 1, a charge foi composta por 2 quadros. A personagem principal é o ex-presidente Fernando Collor, e o tema principal gira em torno da crise política no governo e da apelação da população pedindo o impeachment.



Figura 1- Ex- Presidente Collor de Mello

Da perspectiva verbo-visual, a charge (Figura 1) mostra o ex-presidente Collor atendendo os jornalistas que o questionam sobre a crise. Ele responde de modo irônico: “Que crise? Eu continuo despachando”. Como se ele não soubesse de nada, que tudo continuava tranquilo. No quadro abaixo, observa o ex-presidente com uma fisionomia desesperada praticando uma sessão de despacho “espiritual”. Esse discurso do ex-presidente ora desentendido, ora preocupado chegando ao ponto de fazer um despacho materializa as questões trazidas pelos discursos aí envolvidos – a crise política.

Pode-se analisar os sentidos psicológicos ou os efeitos dos sentidos psicodinâmicos das cores que a charge acentuou como exemplo, a galinha preta, rótulo da garrafa de bebida, e o terno na foto oficial. A escolha das cores neutras, branco, preto e cinza para as quais se atribuem os significados de: neutralidade aos fatos sobre a corrupção. Segundo as pesquisas de Dondis (2007), pode-se ainda relacionar o projeto gráfico das cores ou a ausência delas, que remete a ideia de mistério, penitência e terror diante da situação vivida – impeachment- pelo ex-presidente Collor.

O uso das escolhas da cores cinza e preto dão a ideia de um “presidente marginal e rebelde social,” contexto criado depois da denúncia do irmão Pedro Collor de Mello, por corrupção e desvio de público. As acusações geraram uma investigação que comprovou os atos ilegais do presidente e o aproveitamento do dinheiro que teria sido confiscado da poupança dos brasileiros, culminando com o primeiro processo de impugnação de mandato. A essa situação complicada, só apelando para um despacho, o que poderia abrandar ou salvá-lo da acusação.

Pode-se inferir que o retrato logo acima da mesa do presidente mostra a figura prepotente, ou seja, a posição que ocupa um chefe da nação. O olhar na foto oficial contrasta com as duas imagens de Collor nos quadros da charge: a primeira fingindo um olhar despreocupado, já a segunda, no momento do despacho com um olhar aterrorizado.

Os recursos verbos visuais da charge revelam o “humor negro” quando o presidente Collor finge não saber nada de crise e quando o chargista usa o termo despacho no duplo sentido. No primeiro quadro, no sentido literal, no segundo com intenção de despacho espiritual. Assim, entende que é possível para o leitor compreender o que está sendo dito mesmo muito anos depois, tornando a charge atemporal.

Esse tipo de humor “ácido” é desconcertante, crítico e, portanto, um dos objetivos do trabalho chargístico que é o de provocar no leitor a reflexão e a crítica. Ao aceitar essa estratégia, o leitor constrói o sentido pretendido pelo chargista, sem se desvencilhar, contudo, do humor irônico contido na charge e do próprio riso que ela provoca pela situação.

O projeto gráfico da charge do ex presidente Collor está carregado de polifonia que dialogam com outros textos do jornal, como por exemplo, a Manchete “PFL, acha que saída é renúncia; Collor se agarra ao voto secreto”, publicada no dia 29 de agosto de 1992, Caderno Brasil, Folha de S.Paulo, p.3. As vozes dos textos mostram as transformações sociais por conta dos problemas políticos no âmbito sócio-histórico em que foi produzida essa charge.

Na figura 2, a presidente Dilma Rousseff, como Collor, estaria envolvida numa crise econômica, a presidenta está numa fase que recebe muitas críticas da população que está insatisfeita com as denúncias de corrupção no seu mandato. A presidenta fez um pronunciamento na noite de domingo do dia 08-03-2015, em rede nacional, para tentar explicar as consequências da crise financeira mundial e do Brasil, a alta da inflação, e pediu paciência aos brasileiros. Pronunciou ainda que o governo absorveu, até o ano passado, todos efeitos negativos gerados pela crise mundial e que chegou o momento de dividir com o povo, repassando e aumentando as tarifas de energia elétrica, combustível etc.

Ao mesmo tempo em que a presidente Dilma Rousseff fazia seu pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV, na noite de domingo, moradores de diversas cidades realizaram simultaneamente um pannelo em protesto ao seu discurso. Durante todo o fim de semana, grupos contrários ao governo de Dilma combinaram via internet o pannelo mandando mensagens no aplicativo Whatsapp. O texto de mobilização dizia: “Vamos todos para as janelas e vaiar muito”.

Durante os ataques a Dilma e ao PT, alguns manifestantes aproveitaram para incentivar a manifestação pró- impeachment. Circulava nas redes sociais os manifestos por todo país e os internautas comparavam o próximo dia 15 de março de 2015 ao de 29 de maio de 1992, quando jovens foram às ruas de cara-pintadas pedir a saída do então presidente Fernando Collor do governo. Esse foi o contexto para a produção da charge a seguir:

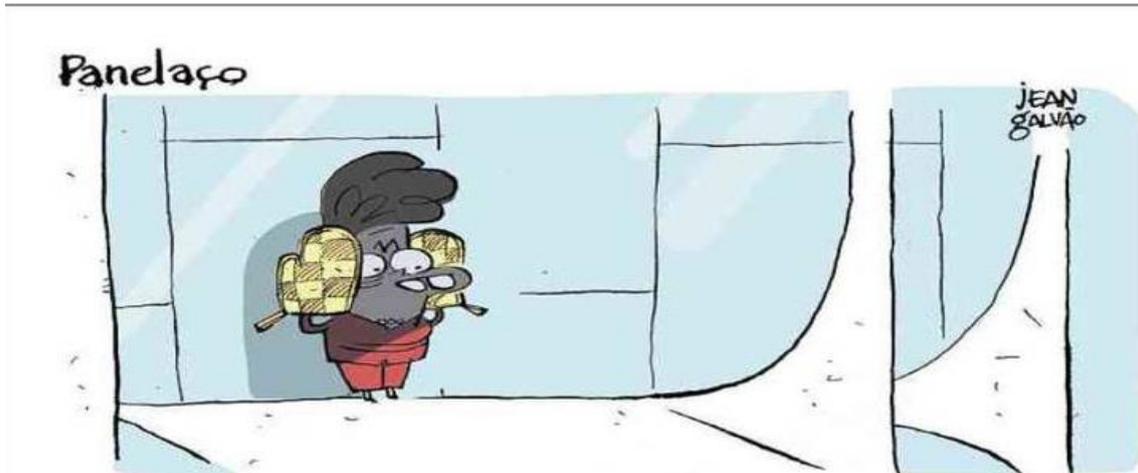


Figura 2 – Presidente Dilma Rousseff

A charge (Figura 2) mostra a presidente Dilma tapando os ouvidos com as duas mãos, usando luvas de cozinha, encurralada entre a parede e os pilares da fachada do Palácio da Alvorada. A presidente veste terninho vermelho, cor símbolo do PT. A fisionomia amedrontada, preocupada, com olhos esbugalhados diante da situação.

O chargista explora os recursos como a figura caricata da presidente, as cores usadas na charge, o azul entre todas as suas características é por caráter frio, também da dúvida, da descrença, da apatia, da indolência, e nesse caso as acusações de corrupção. Ainda, se percebe que o tamanho da presidenta Dilma, retratando-a pequena diante do enorme problema social e econômico, especialmente, a crise que irá enfrentar em relação à ruptura irreverente da sua atitude recusando-se a ouvir as reivindicações populares.

A crise política no Brasil tomou grandes proporções tanto na área econômica do país quanto na política com os inúmeros escândalos de corrupção envolvendo vários partidos, as empresas estatais e a Câmara dos Deputados, diminuindo a credibilidade no discurso da presidenta que diz não ter conhecimentos dos fatos.



Figura 3 – Presidente Dilma Rousseff

A charge (figura 3) mostra a fachada do Palácio da Alvorada todo cinza, os vitrais do subsolo estão todos pretos. A expressão da presidenta é de espanto, encurralada na entrada do palácio. Na rampa o “lodo/sujeira” sobe em sua direção. O medo toma conta dela, arrepiou seus cabelos, a boca entreaberta em sinal de pavor, sua postura inclinada com braços para trás do corpo.

Pode-se inferir que diante das denúncias de corrupção nas estatais do governo, Câmara dos Deputados e em outros setores públicos, o Palácio da Alvorada está envolto as inúmeras acusações chegando a presidenta. O espelho d’água do Palácio da Alvorada se transformou em um pântano, vegetação densa, em decomposição, que está chegando próximo a ela.

O chargista usa como estratégia a representação da vegetação do pântano que vem adentrando o Palácio da Alvorada, pois o subsolo já está tomado, o espelho d’água não reflete mais a essência da política, ou seja, representar o país de forma transparente como a água.

Cada elemento semiótico que compõem a charge – do mais visível para o mais sutil – está repleto de sentido que contribui para a interpretação do enunciado concreto, pois aciona o conhecimento de um conjunto de informações e fatos – impeachment de Collor e a crise que o país atravessa durante o governo Dilma – é nesse momento que se instaura a relação discursiva entre o produtor e o receptor da charge.

Segundo Dondis (2007), “para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um a um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas”. Assim, os traços que compõem a charge estão carregadas de simbolismo e para a compreensão demanda conhecimentos dos fatos sociais e políticos.

Comparando as charges, a primeira charge retrata o ex-presidente no período complicado dos inúmeros escândalos que antecederam o impeachment, a mídia apelidou os manifestantes de “caras pintadas” que clamavam pelo impeachment do presidente Collor. As figuras 2 e 3 desnuda a crise enfrentada pela presidente Dilma sobre a corrupção na sua gestão, a presidente foi alvo de investigação por parte do Ministério Público. O movimento da população de bater panelas para chamar atenção dos políticos em Brasília foi apelidada de “panelaço”.

As duas charges (figura 2, figura 3) nasceram a partir de notícias, como por exemplo, a seguinte manchete publicada no Jornal Folha de S.Paulo no dia 12 de março de 2015, no Caderno Poder A4 “Sob pressão, Dilma promete mudar coordenação política”. A notícia publicada no Jornal Folha de S. Paulo no dia 13 de março de 2015, no Caderno Poder A6 “Movimentos criticam governo e aumentam pressão sobre Dilma”. No dia 29 de outubro a Folha de S.Paulo publicou no caderno Poder A4 a seguinte notícia: “Impeachment recebe aval da área técnica da Câmara”. Todas essas notícias e manchetes foram a fonte inspiradora para os chargistas.

Pode-se afirmar, dessa forma, que a charge leva a uma construção social da realidade, assim, define a charge como uma modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações. Percebe-se que as charges e os textos veiculados pelo jornal se inter-relacionam, dialogam entre si. Essa intertextualidade entre os fatos inexistentes na charge e em outros gêneros jornalísticos, demonstram que esse discurso também refletem e refratam os acontecimentos veiculados na mídia.

O leitor deve relacionar a charge com outros discursos, seja entre a charge e as notícias da primeira página, ou com artigos e outras notícias – essas relações constituem o contexto para a interpretação da charge, pois o chargista se utiliza das vozes contidas nos fatos sociais, econômicos e políticos que participam do processo dialógico.

Portanto, cada enunciado concreto é marcado pelo posicionamento de seu enunciador e as vozes do discurso que são os diversos enunciados marcados socialmente, que carregam consigo um acento valorativo frente a um enunciado e frente à vida que segundo Bakhtin (2003) é um evento único, singular e irrepetível.

CONCLUSÃO

A ironia, por consistir em um fenômeno linguístico e social que envolve explicitamente o jogo da linguagem, tem por essência uma intenção crítica e humorística, especialmente na charge que aborda a vida cotidiana.

Empreendida a análise, percebe-se que a ironia se manifesta no gênero discursivo charge a partir do contexto histórico, social e cultural. Assim a charge é um produto ideológico que reflete a sociedade e refrata em certa medida outra realidade. O chargista pode lançar mão desses recursos para fazer sua análise, sempre com a intenção de endereçar uma crítica por vezes virulenta a um alvo – a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Collor – por meio da subversão do discurso do outro, usando e distanciando-se simultaneamente do mesmo discurso, pois o sentido não se reduz a uma única interpretação.

As charges irão concentrar num único discurso diversas vozes inscritas que estarão em tensão, deixando para o leitor a escolha, ou não, de uma delas. É necessário ponderar que, de alguma forma, o jogo da ironia deve oferecer pistas para que a intenção do autor seja percebida. Portanto, se o leitor não mobilizar seus conhecimentos sobre fatos, gêneros, outros discursos, não conseguirá perceber a ironia; nesse caso, a estratégia do chargista falhará, pois as charges não possibilitam uma única leitura, mas uma pluralidade de visões.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail, Apontamentos 1970-1971. In: Estética da Criação Verbal. Tradução por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____, Mikhail, Estética da criação verbal. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski, Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.

_____, VOLOSHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRAIT, Beth. Ironia em perspectiva polifônica. Campinas, SP: Unicamp, 1996.

_____, Beth; MELLO, Rosineide de. Enunciado/enunciado Concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (org). BAKHTIN: Conceitos – chave. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. Org. Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BEZERRA, Paulo. “Polifonia” In: BRAIT, Beth (Org). Bakhtin: conceitos-chave. 2. ed São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200

CHARAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

DONDIS, Donis. A. Sintaxe da linguagem visual; tradução Jefferson L. Camargo. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EL REFAIE, Elisabeth. Our purebred ethnic compatriots: irony in newspaper journalism. Journal of Pragmatics, n.37, 2005. P. 781795.

FARACO, Carlos Alberto. “Autor e autoria”. In: BRAIT, Beth (Org). Bakhtin: conceitos-chave. 2. ed São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.

ROMUALDO, Edson Carlos. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

http://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml

Claudia Maria CHIARION

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, atualmente é professor da Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em leitura, veiculada no projeto Sala de Leitura no município de São José dos Campos-SP

Claudia Meire RODRIGUES

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Guaratinguetá, especialização em Psicopedagogia, graduação em Letras-Espanhol pela Universidade Metodista de São Paulo, mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Atualmente é Orientadora de Ensino da Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Tem experiência nas áreas de Coordenação Pedagogia e Direção Escolar, Didática da Alfabetização, docente em graduação em Letras e pós-graduação em Psicopedagogia.

Recebido em dezembro/2015 - Aceito em março/2017